

Bibliotheca Publica

Weste

Florianopolis

Santa Catharina

JANEIRO
MCMXXI

ANNO I
NUMERO 23



— Revista semanal —



Publicada sob a di-
responsabili-

Thon d'Eça

Altino Flores

Ivo d'Aquino

Secretario:

Oowaldo Mello

—*—

Toda e qualquer cor-
responden-i: deve
ser endereçada á:

REDACÇÃO DA

Terra

Rua Visconde de
Ouro Preto N. 1

—*—

Officinas graphicas

DA

“Republica,”

Rua João Pinto
n. 16



• Terra •

Acceptamos collaboração de qualquer
parte do Estado e de fóra, desde que
não seja longa, nem escripta em orto-
graphia phonetica.

Das correspondencias dos municipios,
que nos quizerem enviar, reservamos o
direito de aproveita-las no que achar-
mos interessante.

Publicaremos reclamações em cartas,
desde que sejam breves, assignadas e em
termos convenientes.

Não temos «Secção Livre».

Assignaturas

Anno	10\$000
Semestre	6\$000
Numero Avulso	300

ANNUNCIOS

	1 pagina	1/2 pagina	1/4 de pagina
12 vezes	480\$000	250\$000	145\$000
8 "	325\$000	176\$000	90\$000
4 "	165\$000	90\$000	50\$000
2 "	85\$000	45\$000	25\$000



Os "vivas" ao sr. conde d'Eu

Os telegrammas do Rio deram-nos noticias minuciosas a respeito da chegada dos despojos veneraveis dos ex-imperadores do Brasil e do desembarque de S. S. Altezas os srs. conde d'Eu e principe D. Pedro.

A população toda do Rio abeirou-se do cães Maná e aos tranços, empurrões e cotovelladas procurou romper o cordão policial de isolamento, para lançar um olhar de curiosidade faminta á urna sagrada, que encerrava as cinzas dos reis e magnanimos esposos.

Mas nessa curiosidade ia o respeito á lembrança daquelle bondoso e grande Velho, que durante meio seculo governara o Brasil, tendo as faltas communs a todos os reis, mas o merito de ter amado muito a sua terra e a intenção sincera de mandar com justiça, ainda que claudicando muitas vezes pela sua falta de energia.

A historia do segundo imperio ainda não foi escripta com serenidade, e, de lado a lado, avultam os exaggeros das admirações e dos odios, que não competem ainda á geração de agora contrabalançar e nivelar de accordo com a verdade historica. Mas o que é certo é que a figura de D. Pedro II é apreciada com mais frequencia através das considerações sentimentais dos que lhe fizeram a biographia, vendo-o no exilio, despidido das pompas do governo e arredado das tricas da corte. E o velho imperador apresenta-se-nos á vista com a estrutura moral de um apostolo, santificado pela resignação do abandono e pela saudade da patria.

E quando a sua imagem se destaca assim, suave e austera, no fun-

do da historia, nós nos esquecemos de que D. Pedro II não foi sempre aquelle ancião acabrunhado pela desdita do exodo, que a republica lhe impusera e realizara, em vinte e quatro horas.

Ninguem imagina D. Pedro, aos 30 annos, envolvido nas intrigas politicas do paço, elle proprio intrigando, demittindo reprimindo, prendendo... As lutas politicas, o assedio dos despeitos, o orgulho de monarcha, quantas vezes não fizeram o Magnanimo preterir com gravame a nomes illustres, premiar a incompetencia cortezã e fechar as paginas de Seneca para folhear as de Machiavel? E seriam de todo infundadas aquellas accusações tremendas com que a imprensa republicana apedrejava o imperador, nos ultimos tempos do reinado, quando descurava dos negocios do Estado attrahido pela privança dos classicos latinos e gregos?

Ainda joeirada de todo o alarde e desproposito, seria impossivel provar que D. Pedro foi impecavel, o que, aliás, se explica com o ser humano e ser rei.

Mas isso não lhe rouba o titulo de brasileiro illustre e grande, nem lhe faz desmerecer o respeito que delle temos, o qual alguns convertem em adoração extremada pelo monarcha mas que todos prestam com sinceridade pelo homem.

E para o povo a idéa do imperador sempre se incarna naquelle retrato simples e burguês, de graves barbas brancas, com a physionomia amaciada pela velhice, franca, aberta, serena, que anda espalhado pelos compendios e que os fieis do antigo regime conservam pendurado, numa moldura severa, nas salas de visitas

E' o sabio, o philanthropo, o magnanimo.

Desde as lições de historia do Brasil papagueadas na escola pelos textos do compendio de Lacerda aprendemos a ver D. Pedro II nesse feitiço romantico, como as botas, o chapéo armado e o bigode eriçado, o ar moço e cavalheiresco, conjugados no bronze epico do largo do Rocio, para immortalizar o brado do Ypiranga, são as idéas mais salientes que nos vem á memoria quando nos lembramos de seu augusto pai, o sr. D. Pedro I. Isso para os que ainda não estão em idade ler as memorias da senhora marquesa de Santos e outras memorias secretas, que, então, o primeiro imperador do Brasil lembra Francisco I de França, nas incursões peraltas pelos bairros escusos do Rio, quando não fazia coisas peiores, portas a dentro do paço, com as criadas bonitas.

Mas é de notar que a idéa commum que retrata os dois imperadores é a do momento culminante de suas vidas: em D. Pedro I a gloria do Ypiranga, em D. Pedro II a grandeza moral exilio.

Por isso o pai vem sempre moço á nossa imaginação, que teima affectuosamente em ver no filho um meigo ancião de 70 annos.

Só as crianças, coitadinhas, quando começam estudo de historia do Brasil é que não comprehendem o paradoxo: e para ellas este é o primeiro problema historico em que esbarram as suas cabecinhas vivas e curiosas...

Voltando, porém, á chegada das cinzas do velho imperador, temos explicado o respeito, a sympathia e o carinho, com que o povo viu aquella urna sagrada.

A epopéia da Raça em Fiume

A resistencia formidavel dos legionarios de d'Annunzio, em Fiume, foi bom uma demonstração do valor da latina gente, do espirito de sacrificio da Raça soberana, descobridora de Mundos e civilisadora de povos.

D'Annunzio escreveu, com o sangue dos seus homens, a mais linda epopéia do ideal italiano, incompleto na sua realidade, mas incontestavelmente realizado no seu heroismo e na sua belleza!

A injustiça das potencias, á mentira das quatorze principios Wilsonianos, responderam os legionarios do poeta magnifico em a sua incomparavel bravura.

Deixaram-se matar, cantando!

Mas esses cantos não de ficar vibrando no Mundo, como um protesto á rapacidade carthagineza de Versalhes, filha dos odios acumulados de antigas derrotas e consequencia natural dos receios de futuras competições.

As linhas abaixo dão-nos uma scena dessa epopéia gloriosa, de que Fiume foi a arena, e foi a ária, e que bem alto fala o ideal nacionalista de um grande povo.

— Os mais encarniçados combates havidos em Fiume occorreram, segundo communicções procedentes de Abbazia, quando os alpinos, avançando de Casta, alcançaram os jardins publicos. Todas as casas em redor haviam sido transformadas em ninhos de metralhadoras, dos quaes foi mantido um tiroteio terrificante. Os legionarios tiveram vantagens nesse momento, visto como os regulares apenas estavam armados de carabinas e elles empregavam granadas de mão, metralhadoras e minas, duas das quaes fizeram saltar numerosas casas.

Cerca das 8 horas da noite de segunda-feira, os legionarios mandaram um obuz, que explodiu num deposito de polvora. Os bos-

ques do valle Regina, que envolviam aquelle paiz, ficaram em chamma e nuvens de fumo cobriram a cidade. Acredita-se tambem que a usina de refinação de petroleo foi presa das chamma.

O facto mais impressionante do combate deu-se quando um carro blindado avançou contra os regulares, infligindo-lhes perdas muito pesadas. Os alpinos investiram sobre o terreno e mantiveram um fogo terrivel. O general Dambara, commandante dos alpinos, foi ferido duas vezes e seu cavallo foi morto; elle, porem, continuou combatendo. Quando o fogo cessou, o general approximou-se do carro, entrou e foi encontrar dentro delle tres legionarios mortos e dois officiais seriamente feridos.

Ao ver o general, os dois officiais tentaram eagar-se, dando vivas a «Fiume italiana!» —



Foi um lindo e rasgado gesto de piedade christã, em que entrou um tanto de espalhafato, aliás com o sello official, mas que demonstrou a nobreza d'alma brasileira, que, com ser o republicana, não esqueceu que D. Pedro fora um brasileiro e inerte e um monarcha illustre, para o seu país e para a sua época.

Até ahi tudo muito bem, muito comprehensivel, muito justo.

Houve, porém, no meio dessas homenagens funebres, «vivas» ao senhor Conde d'Eu e ao senhor principe D. Pedro.

Essa é que foi de costa arriba.

«Vivas» por que, ou, pelo menos, para que?

Em primeiro lugar, foram tão intempestivos no cortejo fúnebre, como seriam as palmas a um sermão de quaresma, por muita eloquencia e muito merito que tivesse o orador sacro.

Depois, o caracter excepcional do momento, em que se recebiam pessoas da familia real, que tinham sido banidas para a tranquillidade do regime republicano, cuja solidez permittiu agora a re-

vogação daquelle decreto — não comportava outras manifestações senão as do respeito e delicadeza com que se recebem os hospedes illustres.

E foi fatal que os «vivas» ao conde d'Eu tivessem immediatamente a represalia dos vivas á Republica, o que fez com que a uma irreverencia succedesse outra, ambas dissonantes e descabidas á austeridade e ao luto do acto. E «vivas» que felizmente não atearam um conflicto lamentavel e indecoroso.

Alem do mais, não podemos julgar o sr. conde d'Eu pela mesma pa'ra com que medimos o venerando ex-imperador do Brasil.

Um era brasileiro, o outro não o é. Em D. Pedro II estava o amor á sua terra, que setenta annos de vida e cincoenta de reinado fortificaram de tal geito, que nem o exilio forçado conseguiu arrancar-lhe ao animo resignado uma palavra terina contra os que o desterraram, aliás obedecendo a uma fatalidade historica.

O sr. Conde d'Eu veio ao Brasil conduzido pela eventualidade de

um casamento politico.

Nunca se aclimou aqui, não estimava o Brasil, e os brasileiros, valha a verdade, não o estimavam tambem, mesmo depois de ter colhido os louros do Paraguay.

Impopular em França, trazendo consigo a *guigne* que perseguia os Orleans, desde o seu nobre avô, o rei Luiz Philippe, até o Conde de Paris, não foi mais feliz no Brasil o filho do Duque de Nemours, que, apesar de bravo e energico, arrostou sempre com a desconfiança e a desestima popular, ainda que injusta em muitos pontos.

O facto, porém, é que o Conde d'Eu jamais se acostumara á simplicidade e á burguesia da corte e da vida brasileira, tendo privado com o fausto e a pompa da corte de França, a mais brilhante e a mais fina de toda a Europa.

Gaulez e nobre, devia ter dos brasileiros, uma concepção semelhante á que um outro francês fallado por Montesquien, em «Lettres Persanes», tinha dos habitantes do perfumado imperio do Schah: «Ah! Ah! monsieur est persan!»

Ferreira Lima



Forte e decidido companheiro de lutas da candidatura Hercilio Luz ao governo do Estado, o sr. Ferreira Lima teve da Convenção do P. R. Catharinense, não só a recompensa da sua attitude desassombrada, como dos serviços que largamente prestou ao Estado na administração publica.

C'est une chose bien extraordinaire! Comment peut-on être persan! ? »

Dahi a sua attitude superior, a que talvez concorresse tambem o temperamento pessoal, deante do povo e da cõrte, que nunca o toleraram, apesar de haver casado com a mais popular e querida das princezas brasileiras.

O sr. conde d'Eu não pôde, portanto, ter saudades nem estima do Brasil onde lhe foram amargurados os dias, em que raro se não escrevia um epigramma aos defeitos que a impopularidade lhe atirava implacavelmente.

Creemos que o sr. conde d'Eu tenha curiosidade de rever, depois de trinta annos, a terra brasileira. Vamos mais longe: acreditamos que S. A. tenha gostado do Brasil, máu grado as vicissitudes que provara nelle. Mas saudade e amor á terra brasileira, não. Para isso precisava ter nascido aqui ou, pelo menos, aqui convivido intimamente. E essa intimidade nunca houve entre S. A. e o povo.

O DÊDO DE DEUS

O Pinto é porteiro do theatro. á noite, é remendão de guarda-chuvas de dia, e é de noite e de dia um portuguez retaco, de um metro e sessenta de allitude acima da sola dos pés.

Muito teso, conserva sempre um aprumo de quem engulio sem mastigar um bom cabo de vassoura.

No mento traz cavanháque, e bigodes pontudos entre a bocca e o nariz.

O papel importante da sua vida é, nos dias de dramalhão, ao fim do Epilogo, concretizar de modo palpavel o «dêdo de Deus» interventor em prol da virtude conspurcada.

E' muito de ver nesse lance o magnifico Pinto trancar as portas do theatro, envergar a farda de commissario de policia francês, com faixa vermelha a tiracollo, e pan! pan! pan! abram em nome da lei!

Abrem, não ha remedio senão abrir.

E o Pinto entra marcialmente, severizando o rosto, teso e rijo como a propria Justica; entra e ferra o mão, o barão, o rico, le-

vando-o aos francos diante de si.

Embalde o actor a figurar de máu o adverte em voz baixa: «calma, sr. Pinto, olhe que me magõa!»

Pinto inflexivel, Pinto surdo, Pinto imagem viva do fura-bolos divino em função disciplinar na terra, sacode o monstro pela gola, a ringir os dentes

O publico ao ver o mão, victorioso em seis actos, cair nas unhas do Pinto no seimo, respira alliviado, e dá palmas em barda, e bravos á energia justiceira do homensinho providencial.

Somente lá no fundo dos bastidores é que o Pinto cae em si, vê que a prisão é de mentira e larga o pobre Máu.

Despe então a farda, às carreiras, para correr ao seu posto de porteiro, onde, á sahida do povo, recebe cumprimentos dos amigos:

— O Barão vio fogo hoje, heim Pinto?

— à commigo é ali no duro! «Tanho» escola.

Monteiro LOBATO

Hoje que as dobras do tempo esconderam os resentimentos e as antipathias (que cremos sinceramente terea ido muito longe e em demasiado rigor para com o illustre descendente dos Orleans) devemos ter por S. A. o respeito que merece como um vulto de destaque na historia do Brasil, para cuja gloria militar tambem concorreu com o seu esforço do guerreiro, voluntariamente offerecido.

E o dever de hospitalidade, que nesta terra não se nega a ninguem, hade ser da nossa parte affectuoso e franco, a quem por titulo tão valioso a merece.

Mas lembremo-nos, por todos os motivos expostos (é preciso ter juizo, por Deus!) que, entre o sr. conde d'Eu e a Republica, fica mais proprio e é mais razoavel para nós darmos «vivas á Republica!»

IVO D'AQUINO



Nomeação

O sr. Alfredo Pinto, Ministro do Interior e Justica, nomeou os srs. Mercio Costa Ferreira e Eugenio Augusto Müller para exercerem interinamente os logares de ajudantes das Inspectorias de Saude do Porto, respectivamente de Florianopolis e S. Francisco.

—(ooo)—

JANTAR

Alguns amigos dos srs. Abelardo Luz e Rupp Junior offereceram-lhe, no Bar Familiar, sexta-feira passada, um jantar intimo, que corren na maior cordialidade e distincção.



CELSO BAYMA



O illustre politico, pertencente á antiga representação federal, foi escolhido ainda pelo P. R. Catharinense na organização da nova chapa eleitoral.

O argueiro no olho do visinho

O professor Bellarmino Corrêa, lente de Pedagogia da Escola Normal, conversava com o professor Mancio da Costa, a respeito da criação de gallinhas.

—Tenho algumas que andam tropegas, já a decidir, por causa do gôgo, disse o professor Bellarmino.

—Mas no pé da gogo também? perguntou o professor Mancio maliciosamente.

* * *

N'um exame oral de Physica

no Gymnasio, o professor pergunta o que é *corpo*.

O examinando sorri e responde calmamente:

—Corpo é um pedaço ambulante da materia universal, encimado por um, cabeça, limitado por dois pés e prolongado ás bandas por dois braços».

O inspector Paranhos, dissolvido, desoocupou o espaço...

—(ooo)—

Se Cid o Campeador,
(Teu tremebundo xará)

Quando nos mares d'Espaula
Sovou os crentes de Allah;

Se o bravo do D. Rodrigo
Tivesse tanta barriga,
Sairia sãe sem perigo
De tão profiada briga:

Pois mesmo sem ter soldados
Faria fugir, sozinho,
A todos os mouros juntos
Só do cheiro do toucinho,

—(ooo)—

Perfil

Tem *fausto*, embora empregue todo o anno
A trabalhar, não que saber de [pandegas,
P'ra cavar o pao (que pão!) quoti- [d:ano,
Cuidando da tarifa das Alfande- [lgs.

Do preceito: «comer só p'ra viver».
Como algures pregou um bom der, [viche,
Aprecia-lhs a virtude e o grão sa- [ber
Depois do quadragesimo sandwi- [che;

Porque trocadihando habitual- [mente
(E tirando dahi nm beneficio)
«P'ra viver, comer só» — diz elle [em mente.

Jornalista, porem, de vocação,
Soffre cruel, tantalico supplicio
--Nãoc omer os *pasteis* da redacção.

—(ooo)—

No Eden, ao pôr do sol, Adão medita
Olhando a virgem e unida plamura:
Eva ciosa já, o esposo fita
E vislumbra rivais na mãe—atura.

Desce sembruma a noite. Na infinita
Abobada rufila e Cinosura
A espreitar do alto o amor do troglodyta,
Que vige e viça á sombra de uma lura.

Dentro da noite o amor mais crú estrua...
Eva a sorrir da culpa já presente
O ciume ofroz na febre que o extenua...!

E entre as deicias, em que vive, logra
O desnudo varão impenitente

—A volupia sem par de não ter sogra
MANCIO DA COSTA
Rabellais & Cia.

A Convenção

Com grande solennidade e alta significação politica, reuniram-se a 10 do corrente, no palacio do Congresso, em Convenção, os representantes de todos os municipios para a escolha do futuro governo do Estado e da nova representação federal na Camara e no Senado.



Como era evidente e tão vizível como uma luz por detraz de um vidro, foi aclamado para o proximo quadriennio o sr. Hercilio Luz, sob cuja direcção Santa Catharina tem tido os mais surprehendentes surtos, quer na sua economia, quer na sua administração, quer mesmo na sua politica interna.

E tinha de ser assim, pois que o sr. Hercilio Luz é e sempre foi a legitima incarnação da vontade do povo e em quem o povo catharinense vio o homem capaz de realizar, pela sua capacidade, pelo seu amor aos interesses da terra barriga-verde, as aspirações de liberdade e de progresso que ha mais de vinte annos acalentava no seu intimo.

A obra de remodelação geral iniciada a 28 de Setembro de 1918, tinha de ser realizada e ninguem a realizaria m coo carinho e o entusiasmo com que o sr. Hercilio Luz a completa dia a dia.

Para Vice-governador foi escolhido o sr. Pereira e Oliveira, velho politico que vem servindo o Estado desde os primeiros tempos da sua vida republicana.

O sr. Lauro Müller continuará no Senado.

Encarecer os serviços prestados ao pais pelo illustre estadista ca-

tharinense, é sempre superfluo.

S. Exa. duas vezes ministro, duas vezes governador e ha varios annos representante do povo no Senado, em todos esses postos soube agir com acerto e patriotismo, procurando por todos os modos honrar a terea do seu berço e erguer bem alto o nome da sua patria.

A sua acção na politica do pais tem sido tão valiosa e continua que o sr. Lauro Müller é uma figura puramente nacional.

Para o Congresso foram tambem indicados os srs. Ferreira Lima, Adolpho Konder e Celso Bayma.

Do sr. Ferreira Lima, herciliista desassustado, pelo seu amor á terra dos seus filhos e que elle adoptou e serve com abnegação ha perto de vinte annos; pelo seu character recto e puro, pelo trabalho constante em prol das necessidades catharinenses e, enfim, pela vontade de ser ainda mais util ao povo que o elegerá, Santa Catharina muito tem a esperar e receber dos seus esforços.

Igualmente no sr. Adolpho Konder, que vem já desde os bancos academicos honrando a sua terra e que, como Secretario da Fazenda foi um digno e esforçado auxiliar do sr. Hercilio Luz, emprestando áquella pasta o maximo da sua capacidade, o povo catharinense tem a certeza de encontrar um sincero cooperador da sua grandeza.

Isto quanto aos seus novos representantes.

Porque ao sr. Celso Bayma, que já vem ha muito tempo tra-

ballhando pelos interesses barriga-verdes, o povo continua a reconhecer o incansavel parlamentar sempre prompto na defeza de S. Catharina, sempre atilado na comprehensão das suas multiplas necessidades.

Disputará a minoria o sr. Elyseu Guilherme, de quem basta apenas se dizer, que é um catharinense cheio de serviços á sua terra e com um passado tão honroso que sô elle é o sufficiente para recommenda-lo aos seus conterraneos.

Durante a reunião uzaram da palavra os srs. Eugenio Müller, Celso Bayma, Cactano Costa, João Carvalho, Arthur Costa, Pereira de Oliveira e Rupp Junior, tendo o ultimo destes oradores lembrado o quanto Santa Catharina deve ao sr. Hercilio Luz em todos os ramos de sua actividade e de como será vantajoso para o Estado a continuação deste aureo periodo governamental.

E sempre no maior enthusiasmo civico a Convenção terminou os seus trabalhos, tendo os srs. convencionistas comparecido incorporados ao palacio do governo, onde foram cumprimentar S. Exa.

Ahi falou o sr. Celso Bayma, tendo o sr. Hercilio Luz agradecido a saudação que lhe foi feita com as suas grandes palavras de energia e sinceridade, arrebatando a assistencia, como sempre succede em todos as occasiões em S. Exa. fala da sua terra e do que seu povo.

DEPOIS DA MISSA



A VONTADE DO MORTO

Alguem, com detestavel malicia e rude ignorancia, chamou Florianopolis a ilha dos casos raros.

Naturalmente esse alguem carregou de mais na perversidade ou então viéra de alguim logarêjo de vassural e carrapicho, onde não ha nem casas quanto mais casos.

Porque não resta a menor duvida que o autor de tão espantosa alcunha vinha da maldade ou do matto.

De certo da maldade, pois que sempre são assim cheios de azedumes os adventicios que por aqui acaupam a serviço, a passeio ou em cavação.

E tanto esse alguim foi um chou

ricinho ardido, que localizou entre nós uma alcunha que é do Brasil todo e não de Florianopolis apenas.

Isto demonstra, com *fff* e *rrr*, o recente caso occorrido no Senado, quando da morte do illustre senador Octacilio Camarê.

As grandes questões orçamentarias dos pais esperavam solução urgente, espremidas entre as duas metades duma pasta de couro popular...

Um senador pede, então, a palavra pela ordem.

Houve um movimento geral de attenção, na linguagem praxista dos tachygraphos.

Cabeças erguem-se com respeito, óculos faiscam com solennidade, olhares se dependuram na bocca reveladora do avô da Patria amada...

Cincoenta e tantos aturdidos esperam, anciosamente, uma forte e segura orientação ao funcionamento da complicada machina que degolará o fascinoroso DEFICIT.

Mas o facundo senador não vae falar de orçamentos, nem das necessidades da patria; não pensou em orçamentos nem em patrias...

O senador commovido e com uma lagrima no cantinho dum olho, quer fazer um panegyrico!

E quando um senador quer, quer mesmo, dizia já Anicéto Baldomão de Santarem, velho politico da S. Trindade que deu cartas até ahí pelo anno de 97 e explodiu duma aneurisma, após um tremendo prato de tainha de escabêche

O panegyrico foi feito, sem faltar um gesto de eloquencia ou uma rosa de rhetorica.

E veio a peroração, á qual o orador chegou por um caminho onde a Saudade, como no verso murrinhento do poeta, florescia em cada canto...

— «Meus Senhores, exclamou Augusto Conte, esse philosopho ta lentoso, disse com muita razão e sapiencia, que os vivos serão sempre governados pelos mortos. No caso não se trata de uma obediencia e sim de uma pallida mas significativa homenagem.

E' que o nosso caro collega desaparecido acarinhou um grande desejo, o seu ultimo desejo: que passasse a reforma dos Correios. *Sursum corda! Sursum corda!* Prestemos essa homenagem aquelle que foi em vida um grandepatriota.

A' votação! á votação!

E o projecto passou e a homenagem foi prestada.

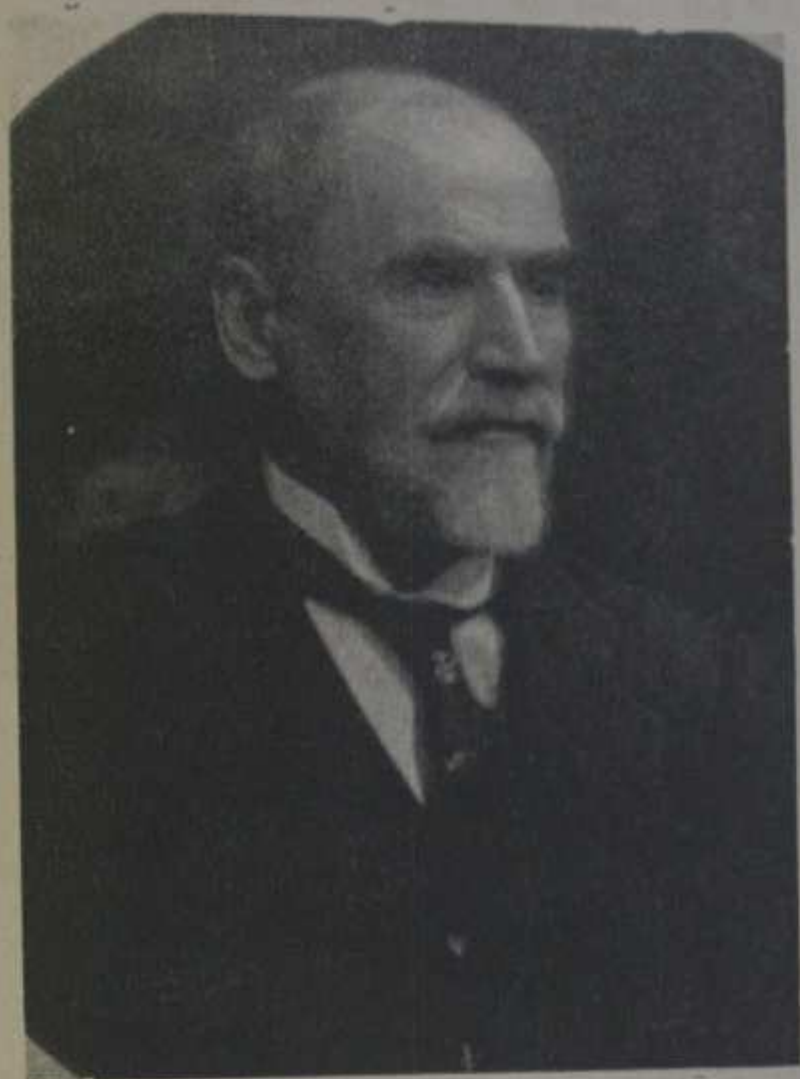
De sorte que, si ao invés de uma medida de justiça (como de facto o é a reforma dos Correios) houvesse uma das tais sangrias ao Thesouro, como o augmento do subsidio ou o combate a lagarta rósea, o erario publico soffreria pa-

Rupp Junior



O forte e brilhante discurso do illustre advogado e deputado estadual, em que fez a synthese da vida politica de Hercilio Luz, propondo á Convenção do P. R. Catharinense o nome do eminente democrata para governador de Sta. Catharina no proximo quadriennio, foi uma peça oratoria que teve os maiores applausos e as mais significativas provas de adhesão.

Pereira e Oliveira



Indicado pela Convenção do P. R. Catharinense para o cargo de vice-governador do Estado, no proximo quadriennio, o sr. Pereira de Oliveira deixará agora o logar de deputado federal, em que pela segunda vez teve o suffragio e eleitoral catharinense.

ra que a vontade de um senador morto fosse feita!

Amanhã quando o aucto de qualquer projecto quizer a votação unanime do Senado, basta invocar, com panegyrico e lagrimas, o nome de um collega fallecido para obter o bom fim de um *truc* interessante e transformar a mais alta Camara do país num Centro Espirita constitucional.

E teremos, em logar de bancadas, com gaudio dos irmãos incarnados de Allan Kardec, para cada senador — uma pequena mesinha de tres pés . . .

Confessemos que isto é um caso rarissimo na historia legislativa de um povo!

E exultemos com esta rectificação.

—Não é Florianopolis a terra

dos casos raros, e sim o Brasil. —

Infelizmente esses casos raros se prestam mais ao humorismo que aos applausos.

A famosa Rouskaya Violinista, bailarina e agora... baroneza

Não sabemos se por artes de *metempsychose* ou de *palingenesia*, a violinista Delia Franciscus se converteu, um bello dia, na bailarina Norka Rouskaya! Supponamos que fosse por *palingenesia* porque a senhorita Rouskaya dançava com o mesmo talento que tocava violino a senhorita Franciscus.

Nosso publico não terá olvida-

Visitou aos o sr. Saturnino Luz, illustre advogado catharinense, que tem na «Terra» amigos sinceros que muito o pre-sam

De passagem

Chegaram a esta Capital: os srs. deputados Francisco Fagundes, de Campos Novos; Arthur Costa, de Joinville; Luiz de Vasconcellos, de S. Bento; João Fernandes, de Araranguá; João Pinho, da Laguna e Caetano Costa de Lages, que vieram tomar parte na Convenção do P. R. Catharinense.

do seguramento esta artista que, por sua vez, tudo tem feito para não ser esquecida.

Com effeito, ainda não ha muito tempo, um telegramma de Lima, no Perú, referia que Norka Rouskaya havia dançado num cemiterio, á luz de archotes, no meio de poetas desgrehados e de politicos incendiados de paixão . . . Esse episodio transformára-se num escandalo ruidoso e macabro.

Deu-se depois uma lacuna na vida de Rouskaya. Sumiu-se, desapareceu, ninguem mais ouviu falar-lhe no nome.

Eis que, agora, inesperadamente, surge Norka Rouskaya em Nova York, no theatro New Amsterdam, com a troupe Ziegfeld Follies, estreando como violinista e danarina de bailados classicos, e sob o nome de «baroneza Norka Rouskaya». Apezar de titulo nobiliarchico e da pequena differença no nome, o R transformado em K, ella mesma, a ex-senhorita Norka Rouskaya, violinista e danarina de fama mundial como resa o programma e que percorreu em triumpho todos os paizes de lingua hesprnhola.

Eil-a, pois, baroneza; como, não sabemos; nem talvez venha ao caso!

Aliás, pelo Brasil, tambem apparecem de vés em quando umas baronias interessantes.

O vés é internacionnal.

FIGURAS DA TELA E DO PALCO



Uma scena do film *As sete perolas*, em 15 episodios, da fabrica Pathé



Creighton Hale o protagonista das *Sete Perolas*.

NOSSA CAPA

Damos hoje a photographia de Italia Fausta, a eminente artista brasileira, que, feita em nosso palco, pelo estudo e observação dos grandes mestres de scena, é hoje em dia uma gloria indiscutivel do Theatro nacional.

Reunindo a formosura á intelligencia, Italia Fausta vae patentear-nos agora a pujança do seu temperamento artistico, que é espontaneo na sua graça e elevado pela cultura do seu espirito.

E de prever, pois, a consagração que Florianopolis fará á grande tragica, nos serões de arte que nos vai proporcionar.

Figuras da tela e do palco



Outra scena da pellicula *As Sete Perolas*, que o «Ponto Chic», começará a passar na tela nos principios de Fevereiro

No hiate de recreio *Porpoise* ex-destroyer inglês, chegaram a esta capital os srs. Celso Bayma, deputado federal e Henrique Lage, um dos directores da *Companhia Nacional de Navegação Costeira*.

Do Rio, em viagem de recreio, chegou ha dias o sr. Godofredo de Oliveira, nosso collega de imprensa.

Entrou para o dique, no Rio de Janeiro, o paquete *Anna* da Empresa Hoepcke & Cia., desta praça.

De Porto União, onde é prestigioso politico, esta entre nós o sr. Cid Gonzaga, nosso collega de imprensa.

Depois da missa



Instantaneo

Adolpho Konder



Indicado pela Convenção do P. R. Catharinense para o lugar de representante de Sta. Catharina na Camara Federal, deixou ha pouco o sr. Adolpho Konder o lugar de Secretario da Fazenda, onde a sua intelligencia e capacidade de trabalho deram uma collaboração valiosa á administração catharinense.

A festa do Martinelli

Foi linda a festa organizada quinta-feira pelas senhoritas Bebê Collaço Cabral, Ondina Simone, Henedina Pacheco, Palmyra Ramos, Dinora Serra Martins e Heliette Brüggmann, em beneficio do sympathico Club Martinelli, o campeão de 1920.

Constou a festa dos seguintes numeros:

1.º) «Hymno do Martinelli», por todas as torcedoras.

2.º) Coro das sombrinhas, pelas senhoritas Ondina Simone, Bebê Collaço; Palmyra Ramos,

Dinora Serra Martins, Heliette Brüggmann, Lilita Seára e Lili Alleluia.

3.º) «O coro das bêbês», pelas senhoritas Lellete Campos, Jenny Brüggmann, Ruth Vaight, Cassia Seára, Eliona Veiga, Diva Vieira, Esther Vieira, Jannette Dutra e Gricelia Macuco.

4.º) «Canções Portuguezas» pelas senhoritas Antonieta Mello, Almerinda Cunha, Neria Guedes, Frida Beck, Gilda Vieira, Rachel Tolentino e Heliette Brüggemann.

5.º) «Samba Gaucho», com as interpretes:

Gauchos Ondina Simone, Li

Pequena Historia Catharinense

Por todo este mês apparecerá o novo livro do sr. Lucas Boiteux—Pequena Historia Catharinense.

A notavel obra do historiadour conterraneo, que será illustrada com os retratos dos grandes vultos catharinenses do passado e do presente, alcançará farte exito, porquanto foi feita com criterio, cuidado e grande somma de conhecimento.

De Chapecó, onde é Juiz de Direito, acha-se em Florianopolis o sr. Lazaro Bastos, a quem tivemos o prazer de abraçar.

li Alleluia. Palmyra Ramos, Henedina Pacheco e Ruth Silva. Gauchos Roberto Oliveira, Julio Trompowsky, Edgar Pedreira, João Linhares, José Candido da Silva e Jovita Gandra, (tocador de gaita).

Terminou o festival com os *Astros que fallam*, desempenhado com muita graça pelas senhoritas Lili Alleluia, Alayde Pedreira, Henedina Pacheco, Dinara S. Martins, Armando Ferreira Lima, Lilita Seára, Ruth Silva, Lorinha Sepetiba, Cassia Seára, Eliana Veiga, Lellete Campos, Diva Vieira, Almerinda Cunha, Neria Guedes, Decia Callado, Olinda Cunha, Mimosa Livramento, Jovita Gandra e José Candido da Silva.

Os versos do Hymno do Martinelli são de João Crespo e o das outras peças de Mancio de Costa, sendo muito applaudidos pela assistencia. A musica de algumas peças foi organizada pelo maestro Alvaro Ramos, que soube fazela com muita graça e delicadeza.

Sexta-feira foi dada repetição da festa, falando pelo Club Martinelli, em saudação e agradecimento ás torcedoras, o sr. Ivo d'Aquino, Consultor Juridico do Estado e nosso director.



HOMENAGEM A EDU CHAVES

Um telegramma de Buenos Aires, de 31 de Dezembro ultimo e publicado no «Correio da Manhã», conta nos o seguinte:

—Realizou-se hoje na sede central da Liga Patriótica Argentina a annunciada sessão em homenagem ao aviador Edu Chaves.

A porta da entrada estava decorada com as bandeiras dos dois países e o mesmo succedia na sala onde se effectuou a reunião, onde as cores brasileiras e argentinas se confundiam.

Estavam presentes o ministro do Brasil, sr. Pedro de Toledo, o presidente da Liga Patriótica, o presidente do Aero-Club, sr. Macias, o aviador Edu Chaves, os quaes tomaram lugar á mesa.

O presidente da Liga sr. Carlos, iniciou a serie dos discursos pedindo ao secretario para fazer a leitura da acta onde consta a decisão tomada pela sociedade de conferir uma medalha de ouro denominada «abnegação» para premiar Edu Chaves por ter effectuado o raid Rio-Buenos Aires. Depois da leitura da acta, o sr. Carlos proferiu o seguinte discurso:

«A Liga Patriótica é uma eminencia donde se contempla a terra argentina. Daqui podereis ver, senhor, o contentamento da minha terra pelo triumpho que haveis alcançado e cujo reflexo em honra da bella patria brasileira tambem nos honra a nós.

A Liga Patriótica é, além disso, a instituição argentina por excellencia, porque impul-

siona tudo quanto concorre para a civilização, a sciencia e a sua gloria—verdade serena da vida — aqui interpretadas e defendidas com denodo; porque somos amigos do bem e dos bons e nos alegramos quando a virtude triumpho e quando assignalamos que o caminho do bem está nesta patria da promissão.

«Não vos admireis de que sejamos assim. Assim foram sempre os argentinos desde quando, armados cavalleiros, tiveram por lema da victoria um escudo de honra, como arma a vontade e como ideal a gloria. O nome da Liga Patriótica Argentina representa aquelle augusto passado que collabora no destino triumphal da republica.

Ponho, pois, a medalha symbolica da abnegação no peito do valente Edu Chaves. Senhores, de pé! Viva o Brasil!

O publico que enchia o salão, entre o qual se notavam numerosas senhoras, applaudiu insistentemente as palavras do orador, repetindo o viva por este levantado.

Em seguida falou o sr. Gervasio Videla Dorna, presidente da Brigada de Aviadores da Liga, que pronunciou as seguintes palavras:

«Coube-me a mim a iniciativa do raid Buenos Aires-Rio, mas quiz o destino que fosse um piloto do pais amigo que o levasse a bom termo, demonstrando que nos tempos modernos as verdadeiras missões de paz não são exercidas por diplomatas condecorados, mas por estas demonstrações desportivas. O raid effectuado por Edu Chaves veio sellar mais

uma vez a confraternidade dos dois países, pelo que a brigada de aviadores promette retribuir muito breve a gentil visita.

O aviador Edu Chaves, verdadeiramente commovido, não pode responder ao orador e pediu ao ministro Pedro de Toledo que falasse por elle.

O ministro do Brasil agradeceu as manifestações de carinho dispensados ao aviador patricio e disse que a commoção que elle experimentava era um indicio da significação que para elle tinha, como brasileiro, a homenagem da Liga Nacionalista Argentina, tanto mais quanto Edu Chaves pertencia á similar brasileira da Liga Argentina.

O discurso do ministro brasileiro terminou entre applausos.

Em seguida foi servido aos presentes um abundante lunch

—Para que trazes essa linha enrolada em volta do dedo?

—Para me não esquecer de pôr no correio uma carta que minha mulher escreveu e que me recomendou muito.

—E já a puseste?

—Não, ella esqueceu-se de m'a entregar.

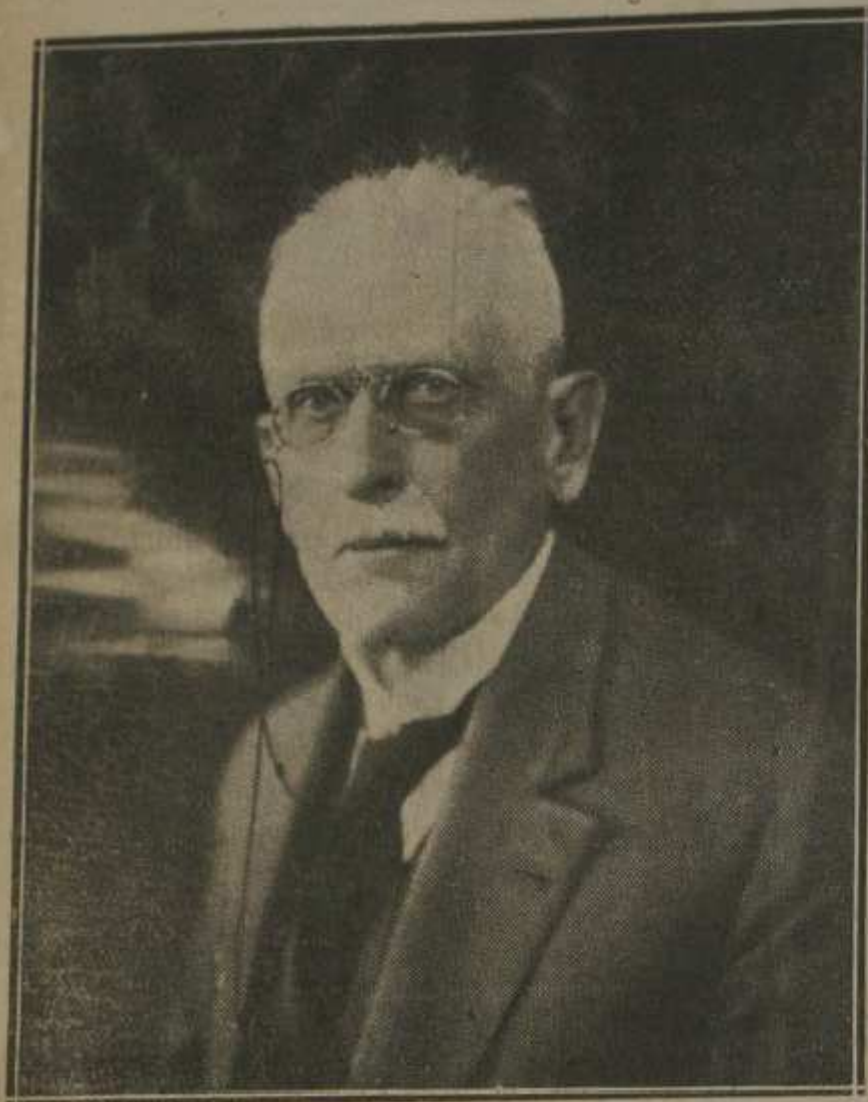
Ella:—Não lhe parece que o mais seguro é sempre acreditar menos do que o que nos dizem?

Elle:—Exceptuando um caso: quando uma mulher nos diz a idade que tem.

Elle:—O que acha preferivel, minha senhora, ser intelligente ou formosa?

Ella:—Formosa, como sabe, ha uma infinidade de homens estupidos, e ha poucos que sejam cegos

Elyseu Guilherme



A candidatura do respeitavel politico catharinense será apresentada pela Junta Republicana, afim de disputar a vaga deixada á minoria na representação federal á Camara dos Deputados.

SEM CORAÇÃO

I

Musa seguia em sonho uma estrada cheia de torturas.

Harmoniosos sons a seduziam imperiosamente..

— Deus!

Monstruosa rocha abriu a garganta hiante, e Musa penetrou inconsciente.

Logo, milhares de seixos correram, a seus pés e volaram gritando compadecidos:

— «Uma mulher sem coração...»

De subito, avolumou-se uma onega de pó no intimo revoltado da pedra formidanda, expulsando-a do seio...

Adiante, um bando de passaros, vendo sua belleza, voaram todos num cantar mavioso, encontrando-a, voltaram chilreando entristecidos:

— «Uma mulher sem coração...»

Musa caminha mais e tendo, sêde, pediu a um regato que deslizava mansamente «de beber!»

A corrente parou e as aguas sussurraram baixinho:

— «Uma mulher sem coração...»

— «Sou mui'o desventurada...»

Neste momento passou aragem numa vibração compungida:

— «Uma mulher sem coração...»

Um comilão depois d'um jantar formidavel, teve um ataque de cabeça.

Chamado um medico, este, depois d'uma sangria, deu ao doente uma chicao de chá azêdo.

O glutão abriu os olhos, fitou o medico e exclamou:

— Chá sem pão, Dr.?

No ultimo baile do «Club Concordia», um almofadinha querendo bancar o engraçado, perguntou a uma elegante creaturinha, dona de uns lindos olhos e d'um cl ro espirito:

— M^{me} já viu um pachiderme?

Já, sim, respondeu ella. E o interessante é que elle me fez esta mesma pergunta.

Alguem tradusio, l'amour est le point rosé por: O amor é a ponte rosada.

Rostand, ao saber, tentou suicidar-se

II

Vencida pela sorte, Musa fatigada, repousou...

¶ Para admirar-a, brotaram do solo rosas, angelicas, j smins, saudades, cécias, chrysanthemos heliotropos, violetas...

Vendo-a assim extatica, perguntaram a um tempo:

¶ Soffres?... Quem te impõe o soffrimento?

¶ Fala...

Responde...

¶ Musa, collocando as mãos sobre o peito, notando a insensibilidade da alma -- curvou a fronte...

As flores todas, alvoraçadas na campanula dos seus galhos, abrindo os calices delicados e cheios de perfume, desataram uma gargalhada esmagadora:

— «Uma mulher sem coração...»

Tambem sorrindo, com a meia lua rubra dos labios fria, fria como a neve... Musa acordou...

Ouvindo ainda uma vez sumir-se a amargurada voz:

— «Uma mulher sem coração...»

Era a noite somnanbula que passava...

Solli ri de ALBUQUERQUE

Dr. Alfredo da Luz

E

Dr. Gilberto Paranhos

— ADVOGADOS —

Escreptorios em

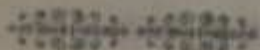
FLORIANOPOLIS BLUMENAU

e

RIO DE JANEIRO

(Avenida Rio Branco n. 56)

1º ANDAR



Empreza Garcia

Fiação

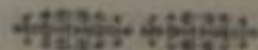
Tecelagem

Fundição

Marcenaria

BLUMENAU

— S. Catharina —



Hering e Cia.

—Fiação e Tecelagem—

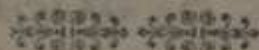
FABRICA

de tecidos

de meia

Blumenau

Santa Catharina



Gustavo Salinger & Cia.

Importação e Exportação

Productos

catharinenses

Artigos Extrangeiros

BLUMENAU — Santa Catharina

Hoepcke, Irmão & Cia.

SANTA CATHARINA

Endereço telegraphico:

HOEPCKE

Codigos

A B C 4 5 Ed.—Ribeiro

Watkins—Carlowitz

Matriz ** Florianopolis

Filial: São Francisco

Correspondentes em Lages e na Laguna

Importadores de:

FAZENDAS E ARMARINHO. FERRAGENS. GENEROS DE ESTIVA

—————

Secção de Machinas

Representantes de:

General Electric Company, Schenactdei, N. Y.

Vaccum Oil Company, Rochester

The Studebaker Corporation of America

Companhia S K F do Brasil

Proprietarios:

Da Fabrica de Pontas de Paris «Rita Maria»

Da Fabrica de Rendas e Bordados «Hoepcke»

Da Fabrica de Arame Farpado e de Grampos para cerca

Da Empresa Nacional de Navegação «Hoepcke»

Do Estaleiro «Arataca»

Da Fabrica de Gelo

Banco Sul do Brasil

Capital 4.000:000\$000

O "BANCO SUL DO BRASIL." recebe dinheiro em deposito a prazo fixo de 3, 6, 9 e 12 meses e em contas-correntes de aviso prévio e de livres retiradas, pagando as melhores taxas bancarias da Praça

Na secção DEPOSITOS populares recebe desde 20\$000 até 10:000\$000 com retiradas livres de 1:000\$000 á vista, pagando o juro annual de

6%

Capitalizado semestralmente

CAIXA MATRIZ

Rua Consetheiro D'Almeida

FLORIANOPOLIS

André Wendhausen & C.

Casa fundada em 1875

IMPORTAÇÃO-EXPORTAÇÃO

*Fazendas, armarinho, ferragens, louças, kerozene,
farinha de trigo, carvão e outros generos de estiva*

Escriptorios em—*Lajes e Laguna*

Matriz —*FLORIANOPOLIS*—(Santa Catharina)

Endereço telegraphico «*WENDHAUSEN*»

Correspondentes de diversos Bancos
nacionais e estrangeiros

Correspondentes officiaes do Banco
de Napoli

Deposito de material electrico;
lampadas, etc.

Agentes da Mala Real Inglesa,
serviço de navegação Ri-
chard Paul e das outras companhias

Traçiche para atracções de
vapores, carvão Cardiff e americano,
aguada.

Agentes da

Texas Company Ltd

Depositario da Companhia Carbo-
nifera de Arzranguá

Agentes dos automoveis «*Fiat*»

Deposito de machinas, ins-
trumentos agricolas, aparelhos
agricolas, aparelhos de illu-
minação electrica

Agentes da United States Rubber
Export Cy.

Pneumaticos para automoveis

Incumbem-se da cobrança de contas, juros, dividendos
nas repartições publicas